

estrutura da obra), por uma secção com *sigla e compendia*, por um conjunto de quadros com a estrutura do livro III, por um índice dos nomes próprios e por um glossário de nomes próprios.

Trata-se, naturalmente, de uma obra a todos os títulos digna de louvor, não só porque se trata de editar, pela primeira vez, esta obra de Vieira, mas também por todo o cuidado que foi posto neste trabalho, não apenas pelo principal responsável da edição, mas também por uma vasta equipa de colaboradores. Uma nota ainda para o papel relevante que Margarida Vieira Mendes teve na génese deste projecto, embora, infelizmente, já não estivesse viva quando ele se concretizou.

Merece referência a atenção prestada pelo editor aos critérios de edição já que, sem nunca pôr em causa o rigor científico, se preocupou também em simplificar o mais possível, mas também em fornecer todas as indicações relevantes para uma correcta interpretação do texto e de todos os condicionalismos que o foram marcando ao longo dos tempos.

A tradução procura (e consegue), em estilo sóbrio, transmitir as ideias que o P. António Vieira nos tentou deixar nesta obra que teve uma vida tão atribulada.

A obra é ainda enriquecida (embora pontualmente) com algumas notas explicativas.

A parte gráfica, que tem a vantagem de destacar os diferentes tipos de texto com que o autor se vai deparando, não foi feliz, em nossa opinião, na solução encontrada para o sempre complicado aparato crítico. De facto, a colocação do aparato a ladear o texto latino (à esquerda e à direita) obrigou a que o espaçamento entre as linhas ficasse enorme e com uma mancha inestética nomeadamente nas páginas que contêm a tradução portuguesa.

Trata-se, porém, de um pormenor (e discutível) que em nada invalida a alta qualidade desta obra.

Oxalá o tempo necessário para a preparação e edição dos dois primeiros livros seja diminuto para, finalmente, podermos dispor desta obra importante do P. António Vieira.

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

Paulo Sérgio Margarido Ferreira, *Os elementos paródicos no Satyricon de Petrónio e o seu significado*, Lisboa, Edições Colibri – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000 (163 pp.).

É com satisfação que vemos publicado um segundo volume da colecção *Estudos* dedicado ao livro de Petrónio. Certamente, um autor tantas vezes utilizado em sala de aulas merecia o interesse que parece estar a despertar nestes últimos anos entre os estudiosos portugueses da latinidade. E dizemos que é com satisfação porque não se trata apenas de um título mais a fazer o “ponto da situação” da investigação petroniana, mas de um estudo muito sério e reflectido sobre um aspecto importante do *Satyricon*, a significação dos elementos paródicos. E ainda maior mérito deve dar-se ao autor pelo facto de a sua dissertação de mestrado estar

na base desta publicação, como se diz na contracapa. Com efeito, numa época em que não se costuma exigir excessiva originalidade nas teses de mestrado, causa grato prazer comprovar que jovens investigadores se impõem o repto de serem inovadores numa matéria já tantas vezes trilhada.

Paulo Sérgio Ferreira oferece-nos uma proposta de decifração das veladas e subtis técnicas que o Árbitro da Elegância possuía e aplicava na fina arte de parodiar. O trabalho em si estrutura-se em dois grandes apartados ou capítulos, as “Paródias de textos literários” e a “Paródia de estruturas codificadas não literárias”, enquadrados por uma introdução e uma conclusão. Antes de tudo isto o leitor encontra um «Preâmbulo» do Prof. Walter de Medeiros e uma nota prévia do autor (“*In limine*”). Conclui o livro com uma bibliografia selecta, onde se pode encontrar o melhor e o mais recente que tem sido publicado sobre Petrónio, e um *Index locorum* bem pensado, mas onde são de lamentar algumas gralhas que dificultam a sua utilização. Apenas como exemplo, o verso 195 d’*O Ciclope* de Eurípides não se encontra citado na página 115, como se diz no *index*, mas na 107.

Cada um dos dois capítulos que constituem o eixo do trabalho é por sua vez dividido em subcapítulos. O primeiro em quatro, correspondentes os três primeiros a três géneros que se encontram bem caracterizados na paródia petroniana: o romance sentimental, a epopeia, e as cartas e tratados senequianos; o quarto, dedicado a outros géneros com menor presença no *Satyricon*, é ainda subdividido em três apartados: as tragédias de Séneca, as tragédias de Eurípides e a poesia de Ovídio. O segundo capítulo apresenta uma estruturação tripartida: “A paródia da superstição”, “A paródia jurídica” e “A paródia do sistema educativo”.

Através destes apartados o autor pretende mostrar, embora, como ele próprio reconhece, não de maneira exaustiva, a importância, a diversidade e a significação que a paródia tem na obra em estudo. Temos de dizer que Paulo Ferreira consegue proporcionar uma leitura agradável utilizando, para isso, diversas vias. Em primeiro lugar, alterna o raciocínio teórico com a inclusão de extractos da obra acompanhados de uma proposta de tradução que se revela sempre interessante pela sua viveza que não destoa do original latino. Em segundo lugar, utiliza na sua escrita um estilo que não se mostra enfadonho por excessivamente retórico (como acontece com tantas obras que confundem escrever sobre literatura com escrever literariamente), mas é, pelo contrário, ágil e claro, como a nosso ver deve ser a literatura científica.

Um dos reparos que se poderiam fazer ao trabalho, e não pouco importante, é sobre a pertinência de aplicação do termo “paródia” a tudo o que é estudado. O leitor não pode deixar de ter a impressão de que, por muito que insista o autor, o segundo capítulo dificilmente deveria entrar numa obra dedicada à paródia. Paulo Ferreira, é claro, tem consciência das areias movediças em que se mexe, e dedica quase por completo a introdução a tentar justificar a extensão do termo paródia a âmbitos não estritamente literários, mas a situações, crenças ou instituições da vida real, o que talvez entrasse melhor na classificação de sátira do que de paródia. Temos de dizer que a introdução, talvez porque, às vezes, as ligações conceptuais entre parágrafos são pouco claras, acaba por não ser

convincente na defesa dos argumentos do autor. Mais ainda, ainda que cingindo-se ao aspecto literário, também não é totalmente evidente a inclusão de determinados fragmentos na categoria de paródia, já que, em algumas ocasiões, pode tratar-se de hipertextualidade isenta de intenção paródica ou de utilização de tópicos comuns com alterações devidas ao diferente género e não ao intuito de parodiar. No entanto, nestes últimos casos convém respeitar a opinião do autor, pois a definição de paródia que defende abrange estas situações.

Contudo, o que mais falta no trabalho de Paulo Ferreira é uma revisão cuidada por parte de outra pessoa antes da publicação. O número pouco significativo de gralhas no livro deixa adivinhar uma revisão atenta, seguramente realizada pelo autor. Porém, este, demasiado conhecedor do assunto, deixou escapar redacções pouco claras para o leitor que não sabe o que vem a seguir. Por exemplo, na página 25 não se menciona de que autor se está a falar. Apenas após a leitura da nota de rodapé se consegue saber que se trata de Corneille. No capítulo 1.1. explica simultaneamente as características do romance grego (comparando-o com a epopeia e com a tragédia) e as do *Satyricon*, o que causa certamente confusão. Na página 32 fala de três subgéneros do romance, e não se percebe se o que vem a seguir é uma explicação, em ordem inversa, dos três tipos. Na página 52 assinala três feições distintas de realizar a transcontextualização da epopeia, mas enquanto que os processos primeiro e terceiro estão bem assinalados, não se sabe bem quando se passa do primeiro para o segundo. Na página 61 fala-se da extensão da obra petroniana em 24 livros, quando esta é apenas uma teoria, sem demasiada aceitação entre os estudiosos. Na página 78 menciona-se Pacúvio como um dos modelos que interferem para a criação da personagem de Trimalquião, mas a nota de rodapé que é suposta esclarecer este aspecto nada diz sobre Pacúvio. Na página 124 é citada a *Anthologia Palatina* de maneira abrupta (é a única citação que dela se faz em todo o trabalho) unicamente como *A. P.*, quando estas siglas também se utilizam, por exemplo, para *Ars Poetica* ou *Appendix Probi*; é claro que o número citado (6.333) e o contexto acabam por esclarecer de que obra se está a falar, mas só depois de o leitor se deter a pensar nisso, e não é nada evidente para o leitor menos especializado. Estas imprecisões, que podem não o ser para o autor, mas que certamente o serão para o leitor, teriam sido evitadas recorrendo à correcção por parte de outra pessoa que não soubesse tanto sobre o assunto.

Discutível será também a estruturação dos capítulos, tratando-se em uns casos a paródia por géneros e em outros a paródia nas obras de um autor específico, ou a maneira de redigir os capítulos seguindo, em algumas ocasiões, o fio narrativo do *Satyricon*, e, em outras, agrupando os tipos de paródia. Mas tudo isto são escolhas do autor, que deve ter tido as suas razões.

Estes senões não devem tirar mérito e interesse a uma obra que, como disse, se revela muito original, séria, mais exaustiva do que o autor reconhece, actual e bem pensada. Será indudavelmente uma obra de consulta inescusável para que quiser aproximar-se do texto petroniano quer no âmbito da investigação, quer no da docência.

CARLOS DE MIGUEL MORA